

Partos e maternidade aos olhos da História: uma entrevista com Ana Paula Vosne Martins

Nadia Maria Guariza*

Michele Tupich**

Transcrição: Michele Tupich

A construção da entrevista passa pelo encontro de subjetividades das entrevistadoras com a entrevistada, que neste caso, em específico, se conhecem e compartilham temas, metodologias e teorias. Duas jovens pesquisadoras que reverenciam a sua mestra.

O encontro no gabinete da professora doutora Ana Paula Vosne Martins se repete; contudo, não mais na relação de orientandas e orientadora, mas como pesquisadoras que admiram o profissionalismo e a competência da professora. Naquela tarde de inverno, no dia cinco de agosto de 2016, encontramos com Ana Paula em seu gabinete aconchegante e com o sorriso amável e contagiante com que fomos recebidas por ela.

A entrevista é construída a partir do lembrar da entrevistada, todavia, o lembrar não é livre, segue as perguntas das entrevistadoras que desejam saber mais a respeito das pesquisas e das ideias da professora com relação à temática do dossiê “Partos, parteiras e maternidade: tecnologias e políticas do corpo” organizado pela Dr.^a Georgiane Garabely Heil Vazquez para a *Revista de História Regional*. No transcorrer da narrativa da professora, a entrevista passa a se desenvolver como uma conversa animada e envolvente, o que demonstra a vivacidade e a riqueza da experiência de sua pesquisa. Empolgação que evidencia o seu conhecimento a respeito das pesquisas historiográficas feministas que versam acerca de partos e maternidades, estabelecendo relações com pesquisadores do país, bem como orientando muitos trabalhos com essa temática.

A transcrição e a adaptação do que foi ouvido para o escrito procurou ressaltar a experiência de pesquisa de Ana Paula nessa área em especial;

* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná e professora adjunta do curso de graduação e Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, campi Irati (PR). E-mail: nadiamguariza@gmail.com

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Docente do curso de História da Universidade Estadual do Centro Oeste. E-mail: mtupich@yahoo.com.br

contudo, a historiadora possui outras pesquisas que tangenciam ou não a temática proposta pelo dossiê. A biografia como historiadora da entrevistada passa das discussões a respeito dos movimentos femininos no Paraná (em sua monografia de graduação em História, na UFPR)¹, da análise referente à Casa da Estudante de Curitiba (CEUC), de uma visão antropológica² (especialização em Antropologia, na UFPR) e, posteriormente, uma abordagem histórica no mestrado³ (na UFPR), e, mais tarde, no doutorado, pesquisou o conhecimento médico acerca do corpo feminino (UNICAMP)⁴.

Após a conclusão do doutorado, Ana Paula passou a desenvolver projetos de pesquisas ligados à temática da maternidade, e nesses projetos a questão dos partos também se faz presente. Concomitantemente, desenvolveu pesquisas e conferências referentes à questão das escritas femininas, por conta de sua prática de orientadora, o que, segundo ela, lhe trouxe muito prazer. Assim, Ana Paula demonstra grande desenvoltura em várias temáticas relacionadas aos estudos de gênero, não apenas à temática do dossiê.

Não bastasse toda essa produção na área de estudos de gênero, Ana Paula é cofundadora do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, criado em 1994, que pretendia estimular os estudos e as discussões referentes às questões de gênero, por meio de seminários, palestras, projetos e eventos de extensão. O Núcleo se configura como um espaço interdisciplinar e interinstitucional, contando com a participação de docentes e estudantes de graduação e Pós-graduação. Aos longos dos vinte e dois anos de existência, o Núcleo desenvolveu projetos de relevância para os estudos de gênero no país, oferecendo cursos de aperfeiçoamento para o serviço público municipal (Prefeitura de Curitiba), professores da rede de ensino público. Em 2009, o Núcleo, sob a coordenação de Ana Paula, iniciou um projeto de cooperação internacional com pesquisadores e estudantes da *Universid de Holguín*, em Cuba, projeto financiado pela CAPES, intitulado “Políticas Públicas de gênero no Brasil e em Cuba: aproximações, diálogos e desafios”.

É notória na trajetória intelectual de Ana Paula a pesquisa a respeito dos estudos de gênero no Brasil, que aos poucos desenvolveram outras

¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Mulheres, luta e poder: as organizações de mulheres em Curitiba*. Monografia de bacharelado em História. Curitiba: UFPR, 1987.

² MARTINS, Ana Paula Vosne. *Casa de mulheres: um ensaio sobre rituais femininos*. Monografia de especialização em Antropologia. Curitiba: UFPR, 1988.

³ MARTINS, Ana Paula. *Um lar em terra estranha: a casa da estudante universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960*. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

⁴ MARTINS, Ana Paula. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

perspectivas que transitam entre a História das mulheres e as novas possibilidades de pesquisa a partir da ótica do gênero e da Teoria *Queer*. Ana Paula é uma das desbravadoras desse campo na historiografia brasileira, contribuindo para a formação de uma nova geração de pesquisadores na área, inclusive as duas entrevistadoras.

Em relação ao tema do dossiê, Ana Paula Vosne Martins vem investigando e também orientando teses e dissertações acerca dessa temática há cerca de quinze anos. É, portanto, uma das pesquisadoras mais gabaritadas do Brasil para tratar do tema. Em 2005, organizou dossiês a respeito de Parto e Maternidade para a *Revista Gênero*⁵, vinculada à Universidade Federal Fluminense, juntamente com Maria Lucia Mott e Dagmar Estermann. Em 2008, foi novamente responsável pela organização do dossiê “Partos e Maternidades”, desta vez para a *Revista História: Questões e Debates*, vinculada à Universidade Federal do Paraná⁶.

A entrevista salienta a vida profissional de Ana Paula, com destaque para suas pesquisas dos estudos históricos acerca da maternidade. Contudo, sua militância como pesquisadora feminista não fica de lado. Ao defender a necessidade de mais estudos a respeito das memórias de mulheres e de seus partos, de se investigar a implantação das políticas públicas materno-infantis e dos impactos de tais políticas na vida e nas experiências de maternidades, Ana Paula demonstra que o tema tem um viés social e político.

Mais especificamente no que tange à temática do dossiê, Ana Paula narra a sua experiência pessoal e de outras pesquisadoras, como Maria Lúcia Mott, bem como o trabalho de orientandas que trataram dessa questão. Também aponta a necessidade de estudos regionais de partos e maternidades, com o intuito de ampliar a discussão da temática para além de Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Esses estudos regionais se somariam à produção que os precedem, possibilitando uma análise comparativa. Neste sentido, Ana Paula demonstra quão frutífero é ainda o campo de estudos de partos e maternidades no Brasil.

Pelas palavras da entrevistada, vamos conhecendo um pouco mais esses estudos. Tema que envolve subjetividades, muitas vezes emoções e conflitos. A pesquisadora aborda potencialidades, fontes e arquivos. Questões e enfoques referentes aos partos, às parteiras e maternidades também são apresentados. Enfim, um convite para a ampliação de um campo investigativo.

⁵ MOTT, Maria Lúcia; MEYER, Dagmar Estermann; MARTINS, Ana Paula Vosne. Dossiê Parto, parteiras e maternidade. *Revista Gênero*, Fluminense, 2005, v.6, n.1.

⁶ Dossiê História dos partos e da maternidade. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 2007, v.47.

*

As credenciais acadêmicas de Ana Paula apenas reiteram o que foi mencionado anteriormente. É professora da Universidade Federal do Paraná desde 1993; foi fundadora (1994) e coordenou o Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR até 2015. Foi vice-diretora do Setor de Ciências Humanas, e entre 2011 e 2013 coordenou o Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. É bolsista de produtividade do CNPq e membro da *Red Iberoamericana de Investigación en Historia, Mujeres y Archivos* (RIIHMA). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil e História Moderna, atuando como pesquisadora e orientando trabalhos acerca dos seguintes temas: gênero, cultura e Medicina; história das mulheres; políticas materno-infantis; gênero e saúde; escrita de mulheres; gênero, assistência e filantropia.

**

Michele Tupich Barbosa. Ana Paula, agradecemos sua gentileza em nos conceder esta entrevista, haja vista sua afinidade com a temática que é “Partos, parteiras e maternidade: Tecnologias e políticas do corpo”. Com sua biografia, percebe-se que após o doutorado você desenvolveu projetos de pesquisas que se dedicaram ao tema da maternidade. Gostaríamos de saber quando e por que você se aproximou dessa temática?

Ana Paula Vosne. Eu me aproximei dessa temática logo após o término do meu doutorado, em 2000. Imediatamente eu tive que apresentar um novo projeto de pesquisa para o Departamento de História (UFPR). Quando se termina o doutorado, dá uma certa ansiedade, porque parece que termina, embora saibamos que não, e que a pesquisa continua. Principalmente porque na vida acadêmica isso é uma exigência. Por isso, em 2001 retomei uma parte da minha tese, que quando eu escrevia me chamou muita atenção; percebia que ali havia um fio que poderia desenrolar depois do término da tese que é, justamente, o atendimento das mulheres nas maternidades. Na minha tese eu percebi que o atendimento médico às mulheres grávidas, ao parto e aos recém-nascidos não era uma questão somente médica, era uma questão que mobilizava também mulheres da sociedade local, em cidades, principalmente, como Rio de Janeiro e Salvador, que foram as cidades que eu pesquisei na época. Como isso mobilizava uma assistência majoritariamente feminina, caritativa e filantrópica, percebi que eu poderia dar continuidade à minha pesquisa com as temáticas que me interessavam, pois eu tinha praticamente esgotado a discussão referente ao saber médico, realizando um trabalho que avançou muito em termos de resultados. E por isso desejava mudar de tema, não analisar mais

o saber médico, tema tão explorado e pesquisado. Assim, comecei a elaborar uma nova pesquisa, que tratasse especificamente do atendimento médico e filantrópico. Quando iniciei as leituras acerca do tema, constatei que se tratava de um contexto diferente daquele analisado no doutorado, que foi o século XIX. As políticas materno-infantis se desenvolveram a partir dos anos 1920, e com forte participação do Estado a partir dos anos 30. Por isso, comecei a refletir acerca do papel do Estado na assistência, não apenas a assistência filantrópica e caritativa, mas também a ligada às políticas materno-infantis. Portanto, percebi que havia um outro caminho, o que me levou à produção do meu primeiro projeto de pesquisa de pós-doutorado, intitulado “Dar à luz: experiências da maternidade na transição do parto doméstico para o parto hospitalar”, que se transformou no meu primeiro pós-doutorado, realizado no período de 2003 e 2004, na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Michele Tupich Barbosa. Você poderia comentar um pouco os resultados de sua pesquisa no projeto “Dar à luz experiências da maternidade na transição do parto doméstico para o parto hospitalar”?

Ana Paula. Os resultados principais já foram publicados, mas o que considero mais importante é ter analisado como a maternidade foi pensada e problematizada por parte dos técnicos, geralmente médicos, que atuavam nas estruturas sanitárias e, depois, nas estruturas especificamente voltadas à maternidade e à infância, a partir dos anos 20, no Brasil, enquanto que nos outros países esse processo ocorreu nas últimas décadas do século XIX. O resultado da pesquisa demonstrou que as experiências da maternidade eram plurais, ou seja, existiam várias experiências de maternidade no Brasil naquele período. Acredito que o primeiro resultado foi a compreensão de como se organizou a estrutura de assistência materno-infantil. Considero que meu trabalho é um dos primeiros a tratar da estrutura política e administrativa organizada pelo Estado. Essa foi uma questão bem interessante, porque eu pude investigar uma documentação bastante diversificada, desde leis, decretos e a documentação produzida pelos próprios médicos⁷. Novamente, o saber médico se configurou como uma fonte para meu trabalho, contudo era diferente das minhas fontes do doutorado. Era um saber médico divulgado pelas publicações voltadas para as mulheres, para o mercado editorial mais amplo, que são as publicações dos médicos puericultores. Essas publicações são de natureza diferente das teses médicas das Faculdades de Medicina que

⁷ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Políticas da Maternidade: Uma introdução à história comparada de gênero e políticas públicas*. Relatório de estágio de pós-doutorado apresentado ao CNPq em 2004.

analisei no doutorado. Por meio dessa documentação, encontrei diferentes tipos de discursos médicos referentes à maternidade e à infância. Alguns mais autoritários, mais imperativos, enquanto outros buscavam convencer as mulheres por meio do diálogo, para que elas começassem a colocar em prática os conhecimentos que os médicos divulgavam por meio dessas obras e da imprensa. Há outros trabalhos que foram nessa direção; considero fundamental o trabalho da Maria Marta Luna Freire⁸, que em sua tese de doutorado tratou da questão analisando a imprensa. Outro resultado dessa pesquisa de pós-doutorado foi a experiência das próprias mulheres, quando trabalhei com a história oral. Mas acredito que o resultado mais interessante da pesquisa foi a descoberta da documentação acerca das políticas voltadas para a família. Parte da documentação que analisei apresentava uma concepção estatal de família, ou seja, uma concepção oficial de família, formulada por essas novas estruturas criadas naquele período, como o Ministério da Educação e da Saúde Pública. Tive acesso às cartas escritas por pessoas comuns, por homens e mulheres. Há muitas cartas também escritas por mulheres para o presidente Vargas. Isso me levou a ampliar ainda mais a noção de experiência, não era só uma experiência da maternidade, mas também da paternidade, por parte das pessoas pobres, das pessoas comuns. Essas cartas foram escritas em sua maioria por pessoas sem recursos, pessoas bem pobres. O que começou com a assistência materno-infantil por meio da filantropia ampliou-se muito com essa conceituação de experiências no plural, o que levou a um resultado bem interessante⁹.

Michele Tupich Barbosa. A respeito dessa questão das entrevistas e as múltiplas experiências das entrevistadas, há uma grande diferença entre as gerações das entrevistadas?

Ana Paula Vosne Martins. No meu pós-doutorado entrevistei mulheres mais velhas, mulheres que deram à luz exatamente na época em que eu estava trabalhando com a minha documentação. A documentação produzida pelo Estado e as publicações médicas eram das décadas de 1930 e 1940, por isso entrevistei mulheres que casaram e tiveram filhos nesse período, e, quando eu as entrevistei, por volta de 2003 e 2004, essas mulheres já estavam com mais de setenta anos. A mais idosa tinha noventa anos. Essas entrevistas são

⁸ FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos*: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. Dos pais pobres ao pai dos pobres: cartas de pais e mães ao presidente Vargas e a política familiar no Estado Novo. *Diálogos*, 2008, v. 12, n. 2/3, p.p. 209-235.

das mulheres que chamei de primeira geração, e publiquei um artigo na *Revista da Associação Brasileira de História Oral*¹⁰. Meu relatório de pós-doutorado resultou em quatro artigos, sendo um deles sobre as entrevistas. A minha pesquisa posterior ao pós-doutorado é das memórias da maternidade. Depois de ter levantado uma quantidade imensa de documentação acerca das experiências da maternidade, o que me chamou a atenção é como se fazia necessário ampliar e conhecer com mais detalhes o que a experiência da maternidade significava para as mulheres. Eu sabia o que ela significava para os médicos, o que ela significava para os técnicos do Ministério da Educação e da Saúde Pública, mas tinha pouquíssimas informações do impacto dessas mudanças das políticas materno-infantis na vida das próprias mulheres, ou seja, os cuidados, as estruturas de assistência, o parto hospitalizado. Enfim, o que isso significou para elas? Eu não sabia. O que eu tinha eram apenas impressões a respeito, mas nada que eu pudesse sustentar a partir de evidências de pesquisa. Foi a partir disso que elaborei minha pesquisa posterior ao pós-doutorado, intitulada “Mães e filhas: memórias da maternidade no século XX”. Nessa pesquisa pude ampliar o número de entrevistadas; além das mulheres da primeira geração, entrevistei também as mulheres da segunda geração. Eu usei o artifício da geração como se fossem mães e filhas mesmo, só que as minhas entrevistadas não tinham vínculos de parentesco, entretanto, em termos de idade, é como se a primeira geração fosse mãe da segunda. A segunda geração é composta pelas mulheres que tiveram filhos entre os anos 60 e 70. Ampliei tanto o número de entrevistadas da primeira quanto as entrevistas com as da segunda geração. Há várias diferenças entre elas, a começar pela maneira como elas lembram. Acho que uma das mais importantes diferenças é que a primeira geração tem uma visão muito naturalizada da maternidade, “as coisas são assim porque têm que ser”. Nenhuma das minhas entrevistadas apontou qualquer tipo de preocupação em relação à maternidade; a única preocupação seria não ter tido filhos, isso seria realmente um grande problema para elas, mas elas tiveram os filhos. Disseram-me que toda mulher casava para ter filho, portanto, tiveram os seus, e fizeram tudo o que tinham que fazer, fizeram tudo certo, porque era como um trabalho. A maternidade para elas também era muito associada às ideias de trabalho e de responsabilidade, mesmo porque boa parte das minhas entrevistadas era de mulheres das classes trabalhadoras, uma ou outra de classe média. A vida era muito dura, praticamente nenhuma delas deu à luz no hospital, com exceção dos

¹⁰MARTINS, Ana Paula. Memórias maternas: experiências da maternidade na transição do parto doméstico para o parto hospitalar. *História Oral*. 2005, Jul-Dez., 8(2), pp. 61-76.

filhos mais novos, aqueles que nasceram no final da década de 40 e início dos anos 50, justamente no momento de transição no Brasil dos partos domésticos para os partos hospitalares. As mulheres dessa primeira geração tiveram muitos filhos. Entrevistei mulheres que tiveram no mínimo cinco e no máximo treze filhos. Quando eu entrava no detalhamento da gravidez e do parto, elas transformavam uma única experiência de um único filho, geralmente o primeiro, em todas as outras. Elas sumariavam todas as experiências de vários filhos numa única. A maneira como elas construíram essas memórias revela a unificação da experiência; embora elas tivessem tido vários filhos, quando lembram é uma só experiência. Não falam do seu corpo; claro que um dado bastante importante de diferenciação entre as duas gerações é o fato de que elas não usavam métodos contraceptivos, embora sempre que eu tocava nesse assunto elas eram muito evasivas. A outra geração vai começar praticamente sua vida reprodutiva com o acesso à pílula anticoncepcional e ao dispositivo intrauterino (DIU), mas há um aspecto muito interessante e diferenciador na narrativa. A primeira geração é muito econômica nas palavras, algumas eram muito mais falantes, outras eram mais reticentes, mas de uma maneira geral falar sobre a maternidade é uma coisa muito direta, muito objetiva para essas mulheres idosas. Elas quase não usam adjetivos. Percebi que elas não idealizavam a maternidade, nem a delas próprias, tampouco a maternidade em si, como uma experiência que as mulheres, todas as mulheres, deveriam viver. A maternidade só passa a ser efetiva quando foi vivida e por isso as narrativas quase sempre se referem ao trabalho de cuidar de toda aquela filharada, e de como elas cumpriram bem o seu papel, criando bem os filhos. A segunda geração é bem diferente. Sua narrativa é pautada por sentimentos, por emoções, por lágrimas, longos suspiros, muitos silêncios. A relação com a experiência da maternidade é muito idealizada. Elas idealizam muito a maternidade como amor incondicional. Afirmavam que “a maternidade era a experiência mais maravilhosa que uma mulher poderia viver”, e logo em seguida elas complementavam: “mas eu sofri muito”. São mulheres que hoje estão com mais de sessenta anos. Essas mulheres da segunda geração estão chegando aos setenta anos, mas quando eu as entrevistei elas estavam perto dos sessenta anos, os filhos já eram adultos, ou estavam iniciando a vida adulta. Diferentemente das mulheres da primeira geração, estas, da segunda geração, fizeram queixas dos filhos, mas, logo em seguida, afirmavam que os amam incondicionalmente, mesmo que alguns tivessem “abandonado” suas mães. Essa diferença é importante. As mulheres da primeira geração raramente se queixam, quando o fazem, justificam a situação afirmando que “são coisas da

vida”. Tinham poucos recursos, o marido ganhava pouco, não havia médico por perto, era esse tipo de reclamação. Por outro lado, a segunda geração tem uma memória muito sentimental da maternidade. Há uma oscilação na narrativa delas entre a imensa sentimentalização positiva, romântica até, em relação aos sentimentos maternos, e as frustrações. Elas enunciam isso no seu discurso; às vezes, de uma frase para outra oscilam da descrição de uma imensa felicidade para uma grande frustração por não terem podido fazer algo que desejavam fazer por causa da maternidade. As oportunidades foram diferentes para as mulheres das duas gerações. A primeira geração era composta por mulheres que não trabalhavam fora de casa. Entre as minhas entrevistadas, nenhuma trabalhou fora de casa. Elas até complementavam a renda familiar com a venda de animais domésticos, de verduras e de artesanato. Enquanto a segunda geração era composta por mulheres que foram trabalhar fora de casa, que estudaram. Algumas das minhas entrevistadas fizeram cursos universitários, elas tinham outros projetos além da maternidade e do casamento. É a primeira geração de mulheres que teve que lidar com essa experiência absolutamente nova de articular a casa com o trabalho. Elas não tinham mulheres da sua família que haviam vivido essa experiência de dar continuidade ao modelo de domesticidade. São as primeiras que tiveram de ser aquela mulher *faz-tudo*, e isso não foi fácil para elas. Algumas podiam pagar uma empregada doméstica, uma babá, mas a grande maioria não. Às vezes tinham o apoio da mãe, a avó das crianças, que ajudava, mas não era muito comum. Enfim, essa é uma diferença muito forte entre as duas gerações. Outra questão que me chamou muito a atenção refere-se à memória do corpo, porque ser mãe passa necessariamente pelo corpo, não é uma questão apenas sentimental, é uma questão física. Há transformações muito grandes experimentadas no corpo. A primeira geração não falou nada, não disse nada, apenas falou da amamentação. Quanto às dores do parto, afirmavam que “é coisa normal, que toda mulher tem que passar”, era assim que elas falavam, sem entrar em detalhes, muito objetivas. A segunda geração lembra detalhes, e tem uma coisa que eu não explorei muito, que é a simbologia do sangue. Da primeira geração sequer ouvi falar a palavra sangue nas entrevistas. A segunda geração refere-se muito ao sangue, que é o sangue do parto, associado quase a um elemento sacrificial desse corpo. Lembram em detalhes da amamentação e, antes disso, como engordaram ou não, quanto engordaram, o tamanho dos seios, as dores, o crescimento do ventre. Depois, como foi o parto, quantas horas durou, até das contrações. Elas lembravam detalhes de cada um dos partos, diferentemente da primeira geração. Outra grande diferença em

relação à primeira geração é o parto hospitalizado. Na primeira geração, às vezes só o filho mais novo havia nascido no hospital, enquanto a segunda geração teve todos os filhos no hospital e apresentando uma relação muito mais próxima também com os médicos, seja o obstetra, seja o pediatra.

Nádia Guariza: Quais os temas e as perspectivas mais recorrentes nos trabalhos que você orientou acerca da maternidade?

Ana Paula Vosne Martins: Todos os temas eu não vou lembrar, porque já foram tantas orientações de graduação e Pós-graduação, mas acho que um aspecto bastante explorado é a experiência da maternidade para as próprias mulheres. Lembro a tese de doutorado da Tânia Gomes da Silva¹¹; apesar de não tratar apenas sobre a maternidade, mas da experiência das uniões consensuais. Entretanto, a questão da maternidade se impôs nas entrevistas que ela fez, pois a metodologia da história oral é predominante na tese de Tânia. Nós discutimos na época acerca do significado da maternidade para mulheres de classes trabalhadoras e de uma condição social bastante precária, pois eram mulheres catadoras de lixo reciclável e cortadoras de cana, entrevistadas no norte do Paraná. Antes dessa tese, há o mestrado de Georgiane Garabely Vázquez¹², que é sobre aborto. É impossível falar do aborto sem tocar na maternidade, especialmente a maternidade enquanto ideal, como um valor que conflita com a situação de interrupção de uma gravidez, que é o aborto. Há também a tese de doutorado de Georgiane¹³, que é específica sobre maternidade, mas em outra perspectiva. Eu não conheço nenhum outro trabalho de pesquisa histórica que tenha esse recorte estabelecido por Georgiane, que é a experiência de não ser mãe, a ausência de maternidade. Há um trabalho de iniciação científica desenvolvido por Flora Morena Martini de Araújo¹⁴, que é belíssimo, porque ela fez uma discussão das relações entre mãe e filha a partir das cartas trocadas entre Madame de Staël e sua mãe. É importante dizer que os estudos históricos referentes à maternidade não precisam se deter necessariamente em uma abordagem social, mas é possível trabalhar com a literatura e com a memória, que considero um trabalho fundamental.

¹¹ SILVA, Tânia Maria Gomes. *Você acha que a gente vai poder com homem?* Práticas conjugais entre mulheres das camadas populares. Tese de doutorado. UFPR: Curitiba, 2007.

¹² VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. *Mais cruéis do que as próprias feras?* Aborto e infanticídio nos Campos Gerais - Paraná entre o século XIX e o século XX. Curitiba: Universo do Livro, 2014.

¹³ VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. *Da mãe que não fui: a experiência da ausência de maternidade ao longo do século XX.* Tese de doutorado. UFPR: Curitiba, 2015.

¹⁴ ARAÚJO, Flora Morena Martini. *Entre mãe e filha: memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Germaine de Staël (século XVIII).* Monografia. UFPR: Curitiba, 2011.

As memórias maternas sobre as políticas materno-infantis precisam ser mais investigadas. Neste momento, estou orientando duas pesquisas de doutorado que se dedicam às políticas materno-infantis: a pesquisa da Michele, que está aqui fazendo a entrevista, que trata a respeito da LBA (Legião Brasileira de Assistência), e o doutorado de Joseane Zingleara Soares Marinho, que se refere às políticas públicas materno-infantis no Estado do Piauí, entre os anos 30 e 40¹⁵.

Nadia Maria Guariza: Como você percebe o desenvolvimento da temática maternidade dentro e fora dos estudos feministas?

Ana Paula Vosne Martins: Com a temática da maternidade, não conheço estudos que não tenham sido desenvolvidos por pesquisadoras feministas; desde o começo do século XX era um tema bastante explorado, como por Alexandra Kollontai¹⁶, que escreveu um livro especificamente sobre maternidade. Mais tarde, o livro da Simone de Beauvoir¹⁷, no qual ela faz um capítulo muito audacioso referente à maternidade, ou seja, desde o início é perceptível o interesse de autoras feministas sobre esse tema. Essas autoras que escreveram no começo do século XX tinham toda uma preocupação em relação à condição social com que as mulheres viviam a maternidade, e era uma reflexão especialmente sobre uma maternidade vivida por mulheres das classes trabalhadoras. Avançando para a segunda metade do século XX, os estudos de maternidade não tratam somente disso; novos estudos são desenvolvidos por pesquisadoras de diferentes áreas da Sociologia, da Antropologia e da História que vão pensar a temática como uma experiência que pode ser vista pelo enfoque da opressão, mas também por uma experiência singular. Neste sentido, para o feminismo da diferença, entre os anos 70 até meados dos anos 80, a maternidade é vista como uma experiência singular, que estaria relacionada à capacidade feminina do cuidado, a capacidade feminina do vínculo, das mulheres com a natureza, com a produção e a proteção da vida. Por isso, eu não saberia dizer como essa questão é tratada fora da produção acadêmica feminista. O que eu conheço são os estudos que tratam o tema por um viés mais psicanalítico. No meu entender, há um problema com essa abordagem, que é justamente passar ao largo das diferenças históricas, das singularidades, dos indivíduos. No âmbito da História, acredito que avançamos

¹⁵ As Teses de Michele Tupich Barbosa e Joseane Zingleara Soares Marinho estão em desenvolvimento com previsão para defesa em 2017.

¹⁶ KOLLONTAI, Alexandra. *Society and motherhood*. (1915). Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/kollontai/1915/mother.htm>. Acesso em: 13 nov.2016.

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo* (1949). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

bastante, tanto aqui quanto fora do país. A produção do final dos anos 80 em diante é uma produção muito boa, de altíssima qualidade, com pesquisas extremamente bem conduzidas. O campo da História se abriu, como uma ramificação da história das mulheres, para pensar a maternidade como uma experiência coletiva, como uma experiência social e não apenas individual, “psicologizante”.

Nadia Maria Guariza: Ana Paula, lembrando de uma das historiadoras que contribuiu justamente com o campo e a discussão da maternidade, em 2011 faleceu a professora Maria Lucia Mott, grande especialista de maternidade e parto no Brasil. Você escreveu um artigo sobre o pioneirismo dela nos estudos de parto no Brasil e compôs uma mesa em homenagem a ela. Você poderia comentar a importância da Maria Lucia Mott para os estudos a respeito da maternidade e do parto no Brasil?

Ana Paula Vosne Martins: Endosso o que você disse. Maria Lucia foi uma desbravadora; ela fez seu doutorado sobre Madame Durocher e as parteiras no Brasil do século XIX¹⁸. É uma tese belíssima, porque ela não caiu no fascínio da biografia. Na pesquisa histórica que ela conduziu muito bem na tese de doutorado, mostrou a trajetória daquela mulher no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, o que significava dar à luz naquela sociedade escravista. Ela fez uma história social do parto e dos cuidados ao parto. Maria Lucia nunca deixou de ter esse cuidado em perceber que uma temática como o parto e as parteiras e a maternidade não está isolada, não diz respeito ao mundo à parte das mulheres. Todas essas experiências são atravessadas por uma série de outras, de outros fatores, de outros problemas e de outras demandas, ou seja, elas estão situadas historicamente, e eu acredito que ela mostrou com grande competência, como se faz esse tipo de trabalho ou de problematização dentro da História. Acredito também que Maria Lucia foi uma desbravadora de arquivos e da documentação, bem como tinha a capacidade de fazer um trabalho em equipe. As últimas publicações de Maria Lucia nunca são individuais, elas são sempre com duas, três ou até mais pessoas. No dossiê que eu organizei na *Revista História: Questões e Debates sobre história do parto e da maternidade*¹⁹, ela publicou com mais quatro pessoas um artigo acerca de parteiras; ela já cruzava essa discussão profissional das parteiras com a imigração, mostrando

¹⁸ MOTT, Maria Lúcia Barros. Madame Durocher, modista e parteira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 1994, p. 101-116, v.2, n.3.

¹⁹ MOTT, Maria Lúcia Barros; MUNIZ, Maria Aparecida; ALVES, Olga Sofia Fabergé; SANTOS, Ana Paula Ferreira; MAESTRINI, Karla; SANTOS, Tais dos. As parteiras eram “tutte quante” italianas (São Paulo, 1870-1920). *História: Questões e Debates*, Curitiba, 2007, v. 47, n.0, p. 65-94.

a inserção social daquelas mulheres e abrindo também um caminho para pensar a profissionalização da enfermagem. Eu acredito que a Maria Lucia contribuiu para os estudos da história da maternidade e do parto no Brasil, sendo seus trabalhos de indiscutível e altíssima qualidade.

Nadia Maria Guariza: Para finalizar, fale um pouco acerca do estado atual da discussão dos estudos da maternidade no mundo e no Brasil.

Ana Paula Vosne Martins: Apesar de atualmente estar afastada dessa discussão, posso afirmar que ainda há muita coisa que vem sendo pesquisada aqui no Brasil acerca das políticas materno-infantis. Contudo, acredito que há um aspecto muito importante que precisa ser mais bem desenvolvido, que é pensar de que maneira as políticas públicas foram implementadas em diferentes lugares. Uma coisa é o projeto elaborado no Departamento Nacional da Criança, no Rio de Janeiro dos anos 40, ou pelas estruturas que havia antes nos anos 30, e a outra é a efetivação dessas políticas. Por exemplo, determinados cursos de formação para parteiras só vão acontecer muito mais tarde, nos anos 50 e nos anos 60, em cidades do interior do país. Eu acredito que é necessário ter mais trabalhos regionalizados, porque há muita coisa sobre o Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, mas o Brasil é muito mais do que isso, é muito mais do que essas cidades. Eu pertencço a um grupo de pesquisa (História da Assistência à Saúde) que vem fazendo uma reflexão a respeito do processo de interiorização da assistência social. Eu acredito que é necessário fazer um trabalho de pesquisa, envolvendo várias instituições e grupos de pesquisa sobre esse processo de interiorização das políticas materno-infantis que a gente sabe pouco. Sabemos muito mais dos centros, mas como as políticas chegaram e quando chegaram a outras regiões. Num país desse tamanho, ainda se conhece muito pouco o impacto disso. Também acho que precisaria ter mais trabalhos sobre memórias maternas. O meu trabalho foi um embrião nessa questão das memórias maternas. Eu acredito que seria muito interessante ampliar esse projeto de memórias maternas, ainda mais hoje, que nós poderíamos entrevistar mulheres que começaram a ser mães nas décadas de 70 e 80. Ou seja, ainda é possível entrevistar mulheres que foram mães na primeira metade do século XX; as mulheres da segunda geração que entrevistei e que estão hoje com mais ou menos setenta anos, e as mulheres que são da minha geração, mulheres que hoje estão entre quarenta e cinco a sessenta anos. Acho que se conseguiria ter também uma visão muito mais abrangente das diferentes experiências, das mudanças, dos impactos e das transformações sociais, culturais e econômicas ao longo de praticamente todo o século XX. Para isso, seria necessário o desenvolvimento de grandes projetos de história

oral realizados por uma equipe. No Brasil existem trabalhos nessa direção, pesquisando sobre a história da maternidade, enquanto que a história do parto é um pouco esquecida ou compreendida como parte da própria experiência da maternidade. Portanto, há trabalhos de grande qualidade, mas é possível avançar ainda mais nessas áreas, como o estudo sobre a interiorização das políticas públicas materno-infantis e também a questão urgente que é a discussão sobre a memória.

Artigo recebido para publicação em 25/09/2016

Artigo aprovado para publicação em 21/11/2016